

Encontro sobre  
**O Ensino das Línguas e a Linguística**

APL e ESE de Setúbal

27 e 28 de Setembro de 2004

**Estudando a melodia da fala:  
traços prosódicos e constituintes prosódicos**

Maria Helena Mira Mateus

FLUL / ILTEC

Falar é tocar um instrumento de música, o mais perfeito de quantos harmónios têm sido inventados.

Joaquim José Coelho de Carvalho, *Prosódia e ortografia* Lisboa: Imprensa Nacional, 1910.

É com grande prazer que inicio este Encontro, organizado pela Associação Portuguesa de Linguística e pela Escola Superior de Educação de Setúbal, com uma conferência sobre Prosódia. E desde já agradeço aos organizadores do Encontro o convite que me foi feito e a possibilidade de falar de questões que, por serem tão belas e ricas, me são muito queridas. Por isto, tomei como epígrafe uma frase de Coelho de Carvalho com data de 1910<sup>1</sup>: “Falar é tocar um instrumento de música, o mais perfeito de quantos harmónios têm sido inventados”.

A principal responsabilidade por essa melodia da fala cabe à prosódia. Ouçamos o que, a esse respeito, acrescenta Coelho de Carvalho: “Distingue-se, na *silaba*, e consequentemente na *palavra*, não somente o som, que é como que o corpo, mas ainda o que a esse corpo dá vida, a sua prosódia, as necessárias condições movimentais da sua

---

<sup>1</sup> A actualização da grafia das citações é da minha responsabilidade.

exteriorização, ou sejam, as *inflexões*, e a *medida do tempo* da pronúncia e o *acento* que tonaliza a voz”<sup>2</sup>.

Nesta explicação o autor introduz os principais traços prosódicos: a medida do tempo, ou seja, a **duração**, as inflexões, quer dizer, o **tom** e o **acento** que “tonaliza a voz”. Além disso, também faz referência a dois constituintes prosódicos: a sílaba e a palavra. Traços e constituintes são a parte substancial do conteúdo desta conferência.

A prosódia começou a ocupar lugar de destaque desde as primeiras gramáticas sobre o português. Em 1540, na *Gramática da Língua Portuguesa*, diz João de Barros que os latinos “partem a sua Gramática em quatro partes: em Ortografia, que trata da letra; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da dicção, e em Sintaxe, a que responde a construção, à imitação dos quais, (por termos as suas partes), dividimos a nossa Gramática” (p. 60)

Mais uma vez encontramos a sílaba como objecto de estudo da prosódia. Mas, podemos perguntar, que aspectos devem ser considerados na sílaba para que se fale de prosódia?

Vejamos o que nos diz Abraão Meldola, em 1735, numa obra feita em modo de perguntas do Mestre e respostas do discípulo. Inquire o Mestre:

- Que coisa é a prosódia?

Ao que o Discípulo responde:

- Prosódia geralmente explicado vem a ser a medida do *Tom* ou bem dos *Acentos*, ensinando sobre que sílabas devemos pousar, levantar ou fixar a voz, atentando por ali quais sílabas são longas e quais curtas ou breves.

Com esta resposta esclarece-nos Meldola sobre as consequências da incidência nas sílabas dos dois traços prosódicos já referidos – o tom e o acento – tornando-as, segundo ele, longas ou breves.

Mas não são estes, apenas, os traços prosódicos mencionados pelos antigos gramáticos. Na *Gramática Filosófica* de Jerónimo Soares Barbosa (1822), o título de um dos capítulos dedicados à prosódia diz o seguinte: “Das modificações prosódicas acrescentadas aos vocábulos; e primeiro, das que nascem da *quantidade*”.

---

<sup>2</sup> Itálico meu.

Melodia da fala, tom, acento e quantidade incidindo sobre as sílabas, ou modo como estas devem ser pronunciadas, o que é, afinal, a prosódia. Uma orientação para a boa pronúncia ou a descrição e o estudo de certas características do som?

Jerónimo Soares Barbosa considera ambos os aspectos. Por um lado a prosódia é o ensino da boa pronúncia. Por essa razão Soares Barbosa prefere chamar-lhe Ortoépiá pois, segundo ele, “a *Orthoepia* [...] compreende não só o conhecimento dos sons fundamentais, que fazem como que o corpo dos vocábulos, mas também o das modificações musicais de que os mesmos são susceptíveis, relativas ou ao canto e melodia chamadas *acentos*, ou ao compasso e ritmo, nascidas da *quantidade* das sílabas. Esta parte musical da *Orthoepia*, ou *boa pronúncia*, tem o nome de *Prosódia*, da qual o maior número dos gramáticos fizeram uma das quatro partes da Gramática, desdenhando ainda os primeiros princípios da boa pronúncia ou leitura, e incluindo-os na mesma *Prosódia*. [...] O nome de *Orthoepia*, que damos a esta primeira parte da Gramática, é mais próprio e acomodado a caracterizá-la que o de *Prosódia*”.

Mas Soares Barbosa não se exime a descrever os aspectos fisiológicos dos traços prosódicos: “Os sons fundamentais, assim vogais como consoantes, formam-se todos no canal da boca, onde só se articula e forma em vozes o som informe e confuso da glote, pelas diferentes posturas imóveis da boca [...] As modificações prosódicas, porém, [...] têm outro órgão, que é o da glote em que se termina o tubo inferior da traqueia artéria”.

Por curiosidade compare-se esta explicação com a que dão Calou e Leite, em 1990, sobre a natureza dos traços prosódicos: “[trata-se de elementos da fala] ”cuja descrição não se faz em termos dos movimentos dos articuladores, mas sim, em termos da acção dos músculos respiratórios que aumentam ou diminuem a energia do fluxo de ar, ocasionando durações, frequência fundamental e intensidade diferentes das vibrações sonoras” (p. 30).

Continuando em busca de uma satisfatória resposta à pergunta sobre “o que é a prosódia”, talvez um olhar sobre a origem do termo nos esclareça. Em 1841, João Nunes de Andrade, na parte da gramática consagrada à prosódia apresenta a **etimologia** do termo justificando a sua íntima relação com o acento: “é uma parte da Gramática, que nos ensina o som com que devemos pronunciar as palavras: esta palavra é composta das duas palavras Gregas *Pros*, e *Odos*; *Pros* vale o mesmo que a palavra Latina, *Ad*, e *Odos* vale o mesmo que a palavra Latina, *Cantus*; de sorte que ambas juntas fazem este

sentido Accentus, mudando o <d> em <c> e o -<a>- em <e>, isto é *acento do tom e modificação da voz* na pronúncia das palavras”.

Cento e cinquenta anos depois, Isabel Pereira, em 1992, refere a mesma origem do vocábulo: “*Prosódia* é um termo que vem do grego προσοδία (formado por προσ *pros*, junto, e οδή *odé*, canto). Tal etimologia atribui à prosódia a significação de melodia que acompanha o discurso e, na língua grega, mais precisamente, o acento melódico que a caracteriza”.

Também a etimologia não nos esclarece sobre o modo como a prosódia das línguas deve ser encarada. Além disso verificamos que, nas últimas décadas do século 19 e no início do século 20 as definições de prosódia, embora frequentes, vão restringindo o seu escopo:

Em 1880, Domingos de Azevedo refere, na sua *Grammatica Nacional*, que a prosódia é “a parte da gramática que trata dos diferentes sons com que se pronunciam as palavras, e assim trata a pronúncia das vogais, das consoantes e dos ditongos, da sílaba predominante e das regras ortográficas”.

Há portanto aqui uma aproximação entre a prosódia e as regras ortográficas, o que faz supor que a pronúncia correcta, em relação com a correcta escrita, seja um dos principais objectivos desta parte da gramática.

O mesmo concluímos ao consultar o *Curso de Grammatica Portuguesa* de David e Mendes, de 1891: a parte da gramática consagrada à prosódia trata o alfabeto - que tem letras vogais e invogais - cabendo-lhe ainda analisar alguns aspectos respeitantes aos ditongos, sílabas e letras.

Nestas obras, aliás, são constantes as confusões entre escrita e pronúncia, som e significado.

A partir daqui – e com excepção da poética definição da fala que serviu de epígrafe a esta conferência – são brevíssimas ou mesmo inexistentes as referências à prosódia como uma parte da gramática.

Em Bechara, na 13ª edição de 1969, a prosódia, incluída na parte dedicada à Fonética, está definida como “a parte da fonética que trata da correcta acentuação e entoação dos fonemas, [sendo a sua] preocupação maior o conhecimento da *sílaba predominante*, chamada *tónica*”.

Na *Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha, de 1970, tal como na de Cunha e Cintra, de 1984, a palavra *prosódia* é utilizada somente como sinónimo de correcta pronúncia: “Atente-se na exacta pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma *silabada*, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia”(p. 57).

Vejamos agora como a linguística tem tratado as questões prosódicas. Desde o estruturalismo à teoria generativa clássica, as obras de linguística não desenvolveram o estudo da prosódia em consequência de restrições dos próprios modelos. Jorge de Morais Barbosa, em 1965, numa obra de referência sobre o português numa perspectiva **estruturalista**, descreve a sílaba, o acento e a entoação sem os integrar num capítulo dedicado à prosódia. Também os estudos de fonologia do português integrados na teoria generativa clássica não utilizam instrumentos adequados à análise da prosódia da língua.

Na realidade, ambos os modelos são lineares, ou seja, os seus objectos de estudo (fonemas ou segmentos) estão colocados num único nível, independentemente de se admitir a existência de um nível subjacente ao de superfície. Por outro lado, o facto de a **fonologia generativa clássica** considerar a formulação das regras como objectivo central da análise, e o segmento fonológico como o domínio próprio de aplicação dessas regras impediu o desenvolvimento de uma análise satisfatória das características prosódicas das línguas, tanto mais que os traços prosódicos não incidem sobre o segmento considerado em si mesmo, mas sobre constituintes mais vastos do que o segmento.

Estas insuficiências provocaram o surgimento da denominada **teoria autosegmental**, uma teoria multilinear cujos domínios de aplicação se encontram distribuídos em vários níveis autónomos (p.ex.: o acento, o tom, a sílaba, o segmento) e podem englobar mais do que um segmento. Assim, nos últimos anos o termo *prosódia* voltou a ser utilizado com frequência pelos linguistas, e os estudos sobre factos prosódicos multiplicam-se, incidindo sobre aspectos que, como veremos, eram referidos pelos primeiros gramáticos.

Procuremos, então, a definição de prosódia não já nas gramáticas tradicionais mas em dicionários contemporâneos de linguística. No *Dicionário de Termos Linguísticos* a prosódia é definida como o “estudo da natureza e funcionamento das variações de **tom**, **intensidade** e **duração** na cadeia falada”. Para David Crystal, no *Dictionary of Linguistics and Phonetics*, prosódia é “a term used in suprasegmental phonetics and phonology to refer collectively to variations in **pitch**, **loudness**, **tempo** and **rhythm**”.

Tom, intensidade e duração ou pitch, loudness and tempo e, ainda, rythm ou ritmo – eis as propriedades, ou traços, prosódicos.

Estas propriedades são inerentes ao **som** e estão relacionadas com as características acústicas das ondas sonoras. O **tom** (ou **pitch**) tem como correlato acústico a **frequência** da onda sonora, ou seja, o número de vezes que um ciclo completo de vibração das partículas se repete durante um segundo. Quanto maior o número de ciclos de vibração das partículas, maior é a altura do som e, portanto, mais “alto” é o tom. A frequência fundamental relaciona-se de um ponto de vista articulatorio, com as cordas vocais: quanto mais delgadas, maior número de vibrações, maior altura do som.

Uma sequência de segmentos com os respectivos tons cria a **entoação** dessa sequência, quer se trate de uma palavra ou de um grupo de palavras.

A intensidade do som decorre da **amplitude** da onda sonora (o valor da distância entre o pressão zero e a pressão máxima da onda). Quanto maior for a amplitude de vibração das partículas, maior é a quantidade de **energia** transportada por estas e maior é a sensação auditiva de **intensidade** do som. A proeminência do som que chamamos “acento” decorre desta intensidade.

A **duração** refere-se ao tempo de articulação de um som, sílaba ou enunciado, e tem uma importância fundamental no ritmo de cada língua. A duração de cada unidade varia conforme a **velocidade de elocução**, o que significa que se a velocidade de produção for maior, a duração de cada elemento é menor.

Duração, intensidade e frequência concorrem para a construção do ritmo das línguas. Sabemos agora quais são os traços prosódicos. Sabemos mesmo as suas características acústicas e articulatorias. Mas como estudar a sua relação com a fala?

De um ponto de vista fonológico, pode dizer-se, genericamente, que as línguas utilizam essas propriedades com objectivos diversos: (i) para marcar os *limites das unidades* (o acento pode indicar o fim ou o início da palavra; a curva de entoação pode igualmente marcar os limites de unidades prosódicas); (ii) para criar *oposições distintivas* (nas línguas tonais como, p.ex. o chinês, o tom de uma sílaba, por contraste com os tons das que a rodeiam, pode opor significados entre duas palavras cujos segmentos são iguais tendo, assim, uma função distintiva; da mesma forma, a duração de uma sílaba pode ter valor distintivo como p. ex. em latim ou em inglês); (iii) para distinguir *significados*

*globais* de construções frásicas (a entoação é usada frequentemente para diferenciar uma interrogação de uma afirmação, por exemplo; neste caso pode dizer-se que a entoação tem valor distintivo).

Os aspectos que acabo de focar são características prosódicas das línguas, algumas delas idiossincráticas, que conhecemos intuitivamente e de uma forma genérica. Mas as afirmações sobre estas características, por si sós e mesmo exemplificadas, não constituem uma descrição rigorosa e objectiva nem possibilitam análises comparativas intra e inter linguísticas. Ou seja, estas generalizações não assentam num modelo de unidades prosódicas que permita o estabelecimento de padrões prosódicos das línguas.

Foi neste contexto que surgiu a **fonologia prosódica**, uma teoria do modo como o fluxo da fala é organizado num conjunto finito de unidades fonológicas. A fonologia prosódica é também uma teoria das interacções, ou seja, das relações de interface entre a fonologia e as outras componentes da gramática, mediadas pela prosódia.

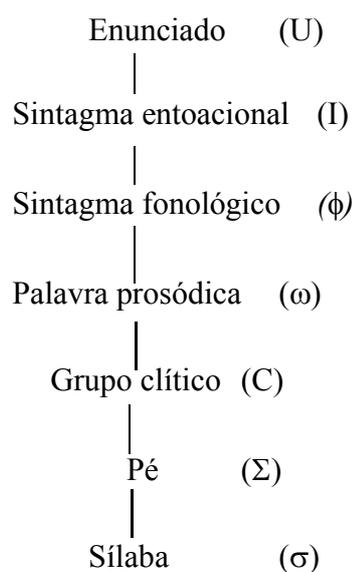
Em 1986, Marina Nespôr e Irene Vogel publicaram uma obra denominada *Fonologia Prosódica* que veio esclarecer e organizar os problemas postos pela importância que assumem os traços prosódicos no funcionamento das línguas. Reconhecendo que esses traços agrupam os segmentos nos níveis fonológico, morfológico, sintáctico e semântico com referência às características rítmicas e de significado das línguas, propuseram a existência de constituintes prosódicos hierarquicamente relacionados que permitem estabelecer padrões prosódicos das línguas, compará-las e objectivamente analisá-las. A motivação para os constituintes prosódicos e a forma de os detectar decorre de

- (a) existirem regras da gramática que necessitam de referir-se a esses constituintes na sua formulação ou que os têm como domínio de aplicação,
- (b) existirem restrições fonotácticas em relação com esses grupos de segmentos e
- (c) existirem relações de proeminência relativa entre os elementos do grupo de segmentos (Nespôr e Vogel, pp. 59-60).

Um exemplo de constituinte prosódico que obedece a estas condições é a sílaba, que, como vimos, surge já nas antigas gramáticas em estreita ligação com a prosódia. Na realidade, há restrições sobre as consoantes que podem ocorrer no final de sílaba, e há regras fonológicas que só se aplicam nas fronteiras de sílaba e não se aplicam no seu interior, como a velarização do /l/ final no Português Europeu.

A distribuição de proeminências acentuais e de contornos de entoação ao longo da sequência sonora, e as motivações atrás indicadas para o estabelecimento de constituintes prosódicos levaram Nespor & Vogel a identificar os seguintes constituintes prosódicos que se relacionam hierarquicamente entre si e definem a organização fonológica de uma língua:

*(1) Constituintes prosódicos*



Os recentes estudos de prosódia sobre o português consideram que o Pé e o Grupo Clítico não encontram justificação na organização rítmica da língua. Por outro lado, o Enunciado ultrapassa o nível de caracterização prosódica pretendido nesta exposição. Assim, serão de seguida identificados os aspectos prosódicos mais salientes, para o português, da sílaba, da palavra prosódica e dos sintagmas fonológico e entoacional.

### **A Sílaba**

O constituinte de nível mais baixo nesta hierarquia é a **sílaba**. Vejamos como se encontra referida a sílaba nas gramáticas antigas e modernas. Para Fernão de Oliveira, (primeira gramática portuguesa, 1536), a sílaba “é vocábulo grego e quer dizer ajuntamento de letras”. Para João de Barros ela é “ajuntamento de uma vogal com uma e duas e, às vezes, três consoantes que, juntamente, fazem uma só voz”.

De um modo geral, este é o conceito que implicitamente aceitam os gramáticos, ainda que o possam exprimir de forma mais musical – como João de Deus, em 1909, para quem “Sílabas é o que a gente diria numa pancada, se falasse a compasso” – ou de modo mais pedagógico – para Martins Sequeira, em 1938, “a cada emissão de voz corresponde uma sílaba”. Para Cunha e Cintra, “a cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de sílaba” e segundo Bechara a sílaba é “um fonema ou grupo de fonemas emitido num impulso expiratório”. Quase diria que estas últimas definições simplificadas de sílaba se podem aproximar da que se encontra na *Gramática Filosófica* de Couto e Melo (1818), já que para ele a “sílabas é a expressão de qualquer som elementar”.

A descrição da sílaba (e não só a sua definição) também ocupou os gramáticos antigos. João de Barros considera que “toda sílaba tem três acidentes: número de letras; espaço de tempo; acento alto ou baixo.” E acrescenta: “Espaço de tempo, porque umas são curtas e outras longas, como nesta dicção - Bárbara - [em] que a primeira é longa, e as duas são breves. [...]”

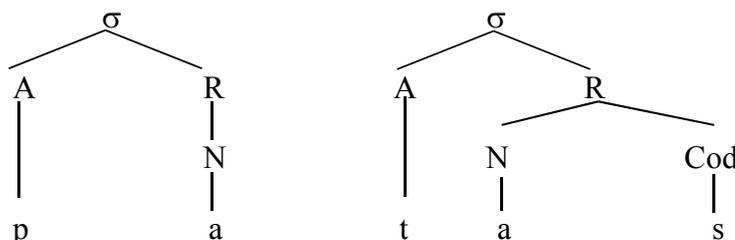
Soares Barbosa define duração das sílabas de forma bem mais completa: “a duração é toda relativa, como é a das notas da música, em que uma não é mais longa senão comparada com outra que o é menos, [...] e assim, na pronúncia de uma língua, as sílabas medem-se não pelo vagar ou pela velocidade accidental da mesma pronúncia, mas relativamente às proporções imutáveis que as fazem ou longas ou breves”. Esta definição de sílabas longas e breves de Soares Barbosa tem implícita a função distintiva da quantidade das sílabas, como sucede em latim mas não em português.

Os pressupostos teóricos da linguística actual fundamentam uma diferente concepção de sílaba. Para os linguistas contemporâneos, a sílaba é uma **construção perceptual**, isto é, criada no espírito do falante, com propriedades específicas que não decorrem da simples segmentação fonética das sequências de segmentos. O termo ‘sílabas’, portanto, não se aplica indiferentemente no nível fonológico e no nível fonético pois que, se assim fosse, as sílabas fonéticas tinham características diferentes das sílabas fonológicas em cada língua, e variavam conforme a velocidade de elocução e o registo de fala. Consideremos por conseguinte as sílabas de acordo com as suas características fonológicas visto que desse modo é que elas são percebidas pelos falantes.

A **estrutura interna** das sílabas tem uma organização hierárquica. Ela é constituída pelo *Ataque* (a consoante ou consoantes com que se inicia) e a *Rima*, que integra os

restantes segmentos. Por sua vez a Rima tem um *Núcleo* (uma vogal ou ditongo) e pode ter uma *Coda* (uma consoante final). Apenas o Núcleo é parte obrigatória da sílaba. A representação da estrutura hierárquica das sílabas da palavra *patas* pode fazer-se como segue (*A* corresponde a Ataque, *R* a Rima, *N* a Núcleo e *Cod* a Coda).

(2) *Representação das sílabas da palavra patas*



O **Ataque** das sílabas em português pode ser preenchido por qualquer consoante simples. Se o ataque for constituído por uma sequência de consoantes (ou seja, quando for um ataque *ramificado*), essas sequências são aceitáveis no português apenas se constituírem os tradicionais *grupos próprios*, formados por uma consoante oclusiva (como [p], [b] ou [k], p. ex.) e uma consoante líquida (como [l] ou [r]). Exemplos destes ataques são os que ocorrem na primeira sílaba das palavras *branco*, *cravo*, *claro*. Como os núcleos das sílabas são sempre ocupados por vogais, e como as consoantes oclusivas são as que apresentam menos sonoridade e as líquidas são bem mais sonoras, as sílabas assim constituídas obedecem ao denominado **Princípio de Sonoridade**, que se enuncia da seguinte forma:

**Princípio de Sonoridade:** A sonoridade dos segmentos que constituem a sílaba aumenta a partir do início até ao núcleo e diminui desde o núcleo até ao fim.

A sonoridade dos segmentos está de acordo com a seguinte **Escala de Sonoridade** aqui apresentada no sentido crescente:

**Escala de sonoridade:**

oclusivas < fricativas < nasais < líquidas (vibrantes, laterais) < semivogais ou glides < vogais (altas, médias, baixas).

O português europeu viola frequentemente, no nível fonético, este princípio de sonoridade. Vejam-se, por exemplo, os grupos de consoantes que ocupam, no nível fonético, o ataque das sílabas iniciais ou mediais das seguintes palavras:

(3) [pt] - <i>captar</i>	[ps] - <i>psicologia</i>	[pn] - <i>pneu</i>
[bd] - <i>abdómen</i>	[bs] - <i>absurdo</i>	
[kt] - <i>pacto</i>	[ft] - <i>afta</i>	

Oclusivas seguidas de oclusivas ou de nasais (menos sonoras que as líquidas), ou fricativas seguidas de oclusivas constituem violações do Princípio de Sonoridade.

Para explicar estas violações existem vários argumentos que apontam para a existência de **núcleos de sílaba vazios** entre as duas consoantes. Esses núcleos vazios podem ser preenchidos pela vogal [ɨ] que é a vogal não marcada do português europeu (na variedade brasileira é a vogal [i]). Os argumentos em que assenta esta explicação são justificados

(a) por dificuldades de *translineação* destas sequências consonânticas (exs: *ad-mirar* e *a-dmirar*),

(b) por dados da aquisição da linguagem e da escrita (exs.. *\*peneu* [pinéw] por *pneu* ou *\*afeta* [áfítɐ] por *afta*),

(c) pela forma de soletrar uma palavra, e

(d) por ocorrências em dialectos de outras variedades do português, como a brasileira (exs: *captar* [kapi-tár], *psicologia* [pi-sikoloziɐ], *absurdo* [abi-súrdu], *pneu* [pi-néw], *pacto* [páki-tu], *afta* [áfí-tɐ]).

Note-se que este preenchimento de núcleo vazio não sucede quando as consoantes formam um grupo próprio: (exs. *\*[pi-rátu]*, *prato* ou *\*[bi-rku]*, *branco*).

Em português europeu ainda existem, no nível fonético, mais sequências que violam o princípio de sonoridade em consequência da supressão da vogal átona [ɨ] na fala coloquial, como mostra o início de palavras como *estar* [ʃtár] ou *eslavo* [zlávu], ou os grupos fonéticos de consoantes formados nas palavras

- (4) *pequeno* [pkénu], *merecer* [mrsér], *despegar* [dʃpgár] *despregar* [dʃprgár]  
*desprestigiar* [dʃprʃtiziár]

Nestes exemplos encontram-se, no nível fonético, sequências de 2 consoantes oclusivas (*pequeno* [pkénu]), de 3 consoantes (e.g. *merecer* [mrsér], – nasal+ líquida+fricativa), de 4 consoantes (e.g. *despegar* [dʃpgár] – oclusiva+fricativa+oclusiva +oclusiva), de 5 consoantes (e.g., *despregar* [dʃprgár] – oclusiva+ fricativa+oclusiva+vibrante +oclusiva) e mesmo de 6 consoantes (e.g. *desprestigiar* [dʃprʃtiziár] – oclusiva+ fricativa+oclusiva+vibrante+fricativa+oclusiva).

Estes estranhos grupos de consoantes em Ataque de sílaba caracterizam o nível fonético do português europeu e são responsáveis pela percepção de uma evidente diferença entre as variedades europeia e brasileira.

A **Rima** das sílabas contém obrigatoriamente um **Núcleo** que pode ser constituído por uma só vogal ou por um ditongo decrescente. O segundo elemento – uma semivogal ou glide – está marcado no léxico da língua como não acentuável. Neste último caso o núcleo é complexo e denomina-se ramificado, como em *leite* ou *pai*.

Uma das características da língua portuguesa é a frequência de sílabas com ditongos nasais, pela projecção de um elemento nasal sobre o núcleo que provoca a nasalização da vogal e da semivogal. O facto de os segmentos do ditongo serem obrigatoriamente nasalizados é um dos argumentos para se afirmar que ambos estão incluídos no núcleo.

No que respeita à **Coda**, como na maioria das línguas, só um número reduzido de consoantes pode ocupar esse lugar. Em português, as consoantes em Coda são apenas três, as fonológicas /l/, /r/ e /s/ com diferentes realizações fonéticas (p.ex. as realizações da fricativa /s/ que ocorre como [ʃ] no final de palavra e antes de consoante não sonora, e como [ʒ] antes de consoante sonora, ou a velarização do /l/, [ɫ], em Coda de sílaba, correspondendo a uma semivogal, [w], na maioria dos dialectos brasileiros).

Vale recordar, aqui, o que foi dito sobre a **motivação** para a existência de constituintes prosódicos, neste caso a sílaba, e para a consideração dos elementos da sua estrutura interna. Na realidade,

- esses elementos são *domínio de aplicação dos processos fonológicos*. Nas línguas do mundo, há processos que afectam apenas as consoantes em Ataque, outros que afectam apenas os segmentos do Núcleo e outros ainda que envolvem apenas as consoantes em Coda como vimos atrás.

- os constituintes silábicos integram *inventários diferentes de consoantes* possíveis. O inventário de consoantes em Ataque é muito mais alargado do que o inventário de consoantes que ocorrem em Coda:

- a lateral em Coda *bloqueia a elevação das vogais átonas* em português europeu. Neste caso, existe uma clara interacção entre a vogal do Núcleo e a consoante em Coda (p.ex. *maldade* [maɫdádi] e não \*[mæɫdádi], *beldade* [beɫdádi] e não \*[biɫdádi]).

- o segmento nasal *projecta-se sobre os elementos do Núcleo* mas não sobre os do Ataque. No Núcleo, como foi dito, integram-se ditongos decrescentes cujos elementos são ambos nasalizados. Certas vogais que antecedem a vogal do Núcleo podem ser pronunciadas como semivogal na fala coloquial, criando os chamados ‘falsos ditongos’. Neste caso, a vogal que precede o Núcleo não é nasalizada porque está no Ataque (e.g. *pião* [pj], mas *criança* [krjsæ] ou *coentros* [kwtruʃ]).

A contribuição da sílaba para o ritmo da língua – e, portanto, o seu papel como constituinte prosódico – é indubitável se tivermos presente, por exemplo, no que respeita ao português, a alta frequência de núcleos ramificados nasais e não nasais. Além disso, podemos também considerar uma contribuição prosódica própria da variedade do português europeu o grande número de sequências de consoantes que se encontram no nível fonético.

### A Palavra Prosódica<sup>3</sup>

O constituinte prosódico hierarquicamente acima da sílaba é a **palavra prosódica** ( $\omega$ ).

A denominação deste constituinte torna evidente que a sua identificação se faz pela verificação de determinados aspectos que, caracterizando-a, a relacionam com a ‘palavra’, termo muito genérico que se integra em vários domínios da gramática. Assim, a *palavra morfológica* é a sequência em que se concretizam categorias morfológicas como o número ou a flexão verbal, e tem uma estrutura interna que inclui um radical e, frequentemente, sufixos e ou prefixos. Por seu lado, a *palavra prosódica* integra traços prosódicos como o acento e tem características que a aproximam da palavra morfológica mas pode não coincidir com ela. Vejamos em primeiro lugar a relação com o acento.

1. A palavra prosódica tem **um único acento principal** enquanto a palavra morfológica pode ter dois acentos se for (a) um composto como *guarda-roupa* ou *hispano-americano*, (b) se for um derivado com prefixos como *pré* ou *pós* (e.g. *pré-tónica*, *pós-tónica*) ou (c) se for um derivado com prefixos z-avaliativos ou o sufixo *–mente* (e.g. *cãozito*, *papelzinho*, *belamente*). Nestes três casos, cada exemplo apresentado é constituído por duas palavras prosódicas:

- (5) - [guarda] $\omega$  [roupa] $\omega$ , [hispano] $\omega$ -[americano] $\omega$   
 - [pré] $\omega$ -[tónica] $\omega$ , [pós] $\omega$ -[tónica] $\omega$   
 - [cão] $\omega$ [zito] $\omega$ , [papel] $\omega$ [zinho] $\omega$ , [bela] $\omega$ [mente] $\omega$

Um argumento que fundamenta a consideração do sufixo *–mente* como uma palavra prosódica é o facto de esse sufixo poder ser apagado quando faz parte de duas palavras morfológicas em sequência (e.g. *bela* e *tristemente*), correspondendo esse apagamento a um processo que “opera sobre estruturas com palavras coordenadas parcialmente idênticas<sup>4</sup>”

<sup>3</sup> A palavra prosódica foi aprofundadamente discutida por Marina Vigário. Ver bibliografia.

<sup>4</sup> Ver Marina Vigário em Mateus et al. (2003), p. 1061.

Ocorre neste ponto caracterizar o **acento principal** em português já que, sendo um traço prosódico (e não um constituinte prosódico), ele é fundamental na identificação da palavra prosódica e na organização da cadeia sonora.

Voltando uma vez mais aos gramáticos antigos, para Fernão de Oliveira “o acento quer dizer principal voz ou tom da dicção, o qual acaba de dar sua forma e melodia às dicções de qualquer língua”. Para João de Barros, “o terceiro acidente da sílaba, é canto alto ou baixo, porque como os músicos alevantam e abaixam a voz cantando, assim nós temos a mesma ordem, como nesta dicção *le-mos* que na primeira sílaba alevantamos e na segunda abaixamos”. Na Ortografia de Madureira Feijó (1734) também se encontra uma definição de acento: “*Acento*, como aqui se escreve, é uma palavra derivada do verbo latino *Accino*, que significa cantar, ou entoar suavemente com outros [...] *Acento Agudo* é aquele som, com que se levanta a voz na pronúncia de alguma Sílaba, carregando, ou ferindo a vogal com toda a força de vogal”.

Reis Lobato, no século 18, observa que “*Acento agudo* é aquele em que se eleva a voz na vogal com toda a sua força, como se vê na primeira sílaba das palavras *Acto, Eva, Ora*. *Acento circunflexo* é aquele em que se deprime a voz na vogal fazendo um meio tom, como se vê na primeira sílaba das palavras: *Ama, Ele, Olho*. *Acento grave* é aquele em que se deprime quase de todo a voz na vogal fazendo um tom totalmente breve, v.g. as últimas sílabas das palavras *Célèbre, A'lâmo, Férò*, etc.” (a denominação dos actuais diacríticos ‘agudo’, ‘grave’ e ‘circunflexo’ têm aqui a sua origem).

Numa perspectiva actual, designamos como acento o resultado da conjugação das propriedades de **duração** e **intensidade** do som vocálico que marca uma sílaba mais “forte” (ou proeminente) na sequência fonética que constitui uma palavra.

Em português, a posição das sílabas acentuadas está relacionada com a estrutura morfológica das palavras. Nos nomes e adjectivos com acentuação regular, as sílabas acentuadas contêm a **última vogal do radical**<sup>5</sup>. Esta vogal pode encontrar-se em penúltimo lugar na palavra ou em último, consoante a palavra tiver, ou não, um índice temático que se realiza foneticamente como vogal ou como glide

<sup>5</sup> As sílabas acentuadas dos exemplos apresentados estão precedidas do diacrítico (´). Quando a palavra tem índice temático, este está separado do radical por um (+), fronteira de morfema.

(6) 'mes+a, 'leit+e, 'sai+a, 'lind+o;  
 ani'mal, a'mor, ra'paz,  
 ir'mã, jar'dim, cha'péu, ca'fê).

Esta é a acentuação regular. Há no entanto palavras que são acentuadas na **penúltima vogal do radical** e que, por serem excepcionais, têm a última vogal marcada no léxico como não-acentuável

(7) 'júbil+o, 'órfã+o, 'frágil, 'árab+e, 'lápiz).

No que respeita às formas verbais do português, temos que considerar os tempos do presente, em que o acento incide na **penúltima vogal** da palavra, os tempos do passado, em que o acento incide sempre na **vogal temática** e os tempos do futuro, em que o acento se aplica na **primeira vogal do sufixo**

(8) 'falo, fa'lamos  
 fa'le+i, ba'te+u, par'ti+u, fa'lá+ra+mos, ba'tê+ra+mos  
 fala+'rá, fala+'re+mos, fala+'ría+mos)

Verifica-se assim que a sílaba acentuada das formas verbais pode ser a última da palavra, a penúltima ou a antepenúltima, porque não é a sua posição que determina a acentuação mas sim a estrutura morfológica da forma verbal, tal como sucede nos nomes e adjectivos.

O que acaba de ser dito sobre a posição da sílaba acentuada permite concluir que o acento principal de palavra tem uma posição fixa e, na língua portuguesa, essa posição está relacionada com a estrutura morfológica da palavra.

Ainda no que respeita às questões de acento, acrescente-se que, na palavra, além do acento principal podem encontrar-se outros pontos de proeminência, os **acentos secundários**.

Na tradição gramatical, considera-se que apenas palavras com os sufixos *-mente* e com *z*-avaliativos (*-zinho*, *-zito* etc.) possuem acento secundário. De um ponto de vista prosódico, contudo, os acentos secundários são entendidos como pontos de

proeminência que estão sempre presentes na cadeia sonora, reforçam o poder informativo do acento principal e organizam a cadeia fonética como um domínio rítmico. No discurso oral, o acento principal de palavra e os seus ecos apresentam-se como um princípio rítmico de alternância entre batimentos fortes e fracos. Nas palavras seguintes, as sílabas com acento secundário estão precedidas do diacrítico (,) e as sílabas com acento principal, de (').

(9) ,livra'ria	,computa'dor / com,puta'dor
,patri'arca	,pode'roso
,tempera'tura / ,tempera'tura	,papela'ria

Os acentos secundários ocorrem em intervalos regulares, sempre em sílabas pré-tónicas, e a sua localização resulta do agrupamento das sílabas da palavra. Assim, mesmo com redução vocálica, certas sílabas podem ser portadoras de acento secundário (p.ex. *poderoso* [,pudi'rozu]). Por outro lado, a supressão de vogais átonas não afecta a regularidade de aplicação do acento (p.ex. o [i] suprimido em *temperatura* [,tɐrɐ'turɐ] permite o agrupamento de três sílabas entre os acentos da palavra).

A atribuição dos acentos secundários permite, assim, uma variação que decorre do contexto fónico ou de circunstâncias aleatórias.

Se voltarmos agora à **palavra prosódica**, e tendo presente que afirmei que este constituinte tem um único acento principal, isso significa que a palavra prosódica inclui um só radical. Pode, no entanto, integrar clíticos por **ênclise** ou **próclise**, o que significa que, nesses casos, a palavra prosódica é constituída por duas ou mais palavras morfológicas. Tal sucede numa sequência de duas palavras terminada por um pronome átono (exs. [disse-o] <sub>ω</sub>, [ama-me] <sub>ω</sub>, e, no caso de mesóclise, [dir-lhe-emos] <sub>ω</sub>) ou numa sequência de artigo seguido de palavra morfológica (exs. [o homem] <sub>ω</sub>, [um rapaz] <sub>ω</sub>, [a gata] <sub>ω</sub>).

A palavra prosódica e a palavra morfológica podem, portanto, não coincidir, seja porque a prosódica é menor do que morfológica (como em *guarda-roupa* ou *pré-tónica*) seja porque a morfológica é menor do que a prosódica (como em *disse-lhe* ou *a gata*). Em consequência, pode contestar-se a afirmação de que o acento em português está sujeito à

restrição da ‘janela das três sílabas’, isto é, o acento tem que incidir numa das três últimas sílabas da palavra, como já dizia, aliás, Soares Barbosa: “O acento agudo não tem lugar senão em uma das três últimas sílabas de qualquer vocábulo [...] Se passasse para trás, a pronúncia das sílabas que se lhe seguissem seria tão veloz e precipitada, que umas atropelariam as outras, como se pode ver por experiência”. Como se pode verificar, a integração de enclíticos na palavra prosódica permite que a sílaba acentuada seja a quarta a contar do final. Veja-se, por exemplo, as formas verbais *mostrávamo-lo* ou *faláramos-lhe*.

2. Um outro aspecto caracterizador da palavra prosódica em português, segundo Marina Vigário, é o facto de ser domínio de aplicação de processos fonológicos como a **elisão da vogal [ɨ]** (e.g. *meter* [ˈmɛtɐ], *bate* [ˈbat]) e a **neutralização de altura** das vogais átonas em sílaba final terminada em /l/ ou /r/, vogais que ocorrem sempre como baixas (e.g. *açúcar* [a], *carácter* [ɛ], *possível* [ɛ]). Por outro lado, dado que a palavra prosódica possui necessariamente um acento principal (e, portanto, não existem palavras prosódicas sem acento), todas as sílabas que se encontram dentro das suas fronteiras, à excepção da acentuada, ficam sujeitas às regras do vocalismo átono. Além disso, a palavra prosódica é domínio de restrições fonotácticas, como por exemplo a não ocorrência, em posição inicial, das consoantes [ʎ], [ɲ] e [r] e da vogal [ɨ].

3. Além dos aspectos acima indicados sobre a palavra prosódica em português, pode acrescentar-se que, no interior de uma palavra prosódica formada por uma forma verbal terminada em [ɨ] e seguida de um pronome enclítico iniciado por uma vogal (p.ex. *disse-o*), o facto de o enclítico ser incorporado na mesma palavra prosódica que o verbo **impede a supressão da vogal final** da forma verbal que semivocaliza (e.g. *disse-o* [ˈdisju]). O mesmo acontece no interior de formas verbais, em casos de mesóclise (p.ex. *dir-lhe-emos* realiza-se como [dirʎjúmu]). Este bloqueio da queda da vogal [ɨ] não ocorre em outras circunstâncias de sândi externo (ou seja, de encontro entre o fim de uma palavra e o início de outra) quando se trata de duas palavras prosódicas. Nestes casos, a vogal [ɨ] é normalmente suprimida com uma consequente ressilabificação (p.ex. *disse o menino* [ˈdis umiˈninu]), *diz-me amanhã* [ˈdizm amɐˈɲ]).

A palavra prosódica é, portanto, um constituinte prosódico que permite a organização da cadeia fónica, contribuindo para a existência de intervalos regulares entre acentos principais de palavra.

## O Sintagma Fonológico<sup>6</sup>

O **sintagma fonológico** ( $\phi$ ) integra uma ou mais palavras prosódicas e constitui um “domínio fraco” no português europeu uma vez que a sua identificação é pouco evidente.

A identificação de um sintagma fonológico baseia-se em noções sintácticas muito gerais como *cabeça lexical de sintagma sintáctico* (a categoria lexical que pode ter complementos e um especificador), a *projecção máxima* da cabeça lexical (o conjunto da cabeça lexical e seus complementos e/ou especificador) e o seu *lado recursivo*, ou seja, o lado em que se encontram os complementos da cabeça lexical. O lado recursivo em português europeu é o direito. Adjectivos e advérbios só são cabeças lexicais se ocorrerem no lado não-recursivo de uma cabeça lexical e forem dominados pela projecção máxima dessa cabeça.

O elemento proeminente deste constituinte é a palavra prosódica mais à direita. Num sintagma fonológico só podemos incluir, além da cabeça lexical, um seu complemento se este for não-ramificado

Os sintagmas fonológicos em que estão divididas as frases seguintes correspondem ao que acaba de ser referido.

(10) [O jornalista] $_{\phi}$  [fez] $_{\phi}$  [uma entrevista interessante] $_{\phi}$   
       [O jornalista] $_{\phi}$  [fez uma entrevista] $_{\phi}$  [muito interessante] $_{\phi}$

No primeiro exemplo, *O jornalista* contém uma cabeça lexical cujo domínio máximo integra o determinante. A forma verbal *fez* também dá origem a um sintagma fonológico com uma única palavra prosódica. O complemento *uma entrevista interessante* é ramificado e não pode, portanto, ser incluído no sintagma anterior, constituindo um novo sintagma fonológico.

Na frase seguinte, a presença do advérbio *muito* no lado não-recursivo de *interessante* gera um sintagma fonológico ramificado constituído pela cabeça lexical *interessante* e por *muito*.

<sup>6</sup> Sobre sintagma fonológico e sintagma entoacional ver os trabalhos de Frota indicados na bibliografia.

Na sequência da análise do sintagma fonológico feita por Sónia Frota, vejamos um exemplo da importância deste constituinte prosódico para questões de ordem entoacional. Segundo Frota, “a melodia com que uma sequência de palavras é pronunciada é constituída por uma sucessão de unidades chamadas **acentos tonais**, que se distribuem pela sequência em função da sua divisão em sintagmas fonológicos. Os acentos tonais são associados ao elemento mais proeminente dentro de cada sintagma fonológico”. Na frase seguinte – *uma progressiva subida dos preços* –, a proeminência principal do sintagma fonológico encontra-se na palavra prosódica nele contida mais à direita e ocupa, portanto, a posição final. Os acentos tonais estão indicados com ^ : As proeminências estão indicadas com maiúsculas.

(11) [uma progressiva subida] [dos preços]

^            ^            ^  
---            ^            ^

Assim, e como mais uma vez afirma Frota, o contributo deste constituinte para a organização fonológica do português europeu situa-se, fundamentalmente, no domínio dos processos fonológicos de tipo rítmico e das questões entoacionais.

### **O Sintagma Entoacional**

O **sintagma entoacional** é constituído por um ou mais sintagmas sintácticos e tem um contorno identificável. Assim, são sintagmas entoacionais os três grupos de palavras que constituem a frase seguinte

As gatas, // a preta e a riscadinha, // enroscaram-se diante da lareira.

A divisão dos três sintagmas entoacionais está representada a seguir:

(12) [As gatas]<sub>I</sub> [a preta e a riscadinha]<sub>I</sub> [enroscaram-se diante da lareira]<sub>I</sub>

Um dos aspectos que nos permite reconhecer a existência de apenas um, ou mais do que um sintagma entoacional na sequência frásica é a realização fonética da fricativa final de uma palavra quando a palavra que se segue começa por vogal: se a fricativa se realizar como [z], as duas palavras pertencem ao mesmo sintagma entoacional; se se realizar

como [ʃ], entre as duas palavras existe uma fronteira de sintagma entoacional. Veja-se agora a diferença entre a realização do sufixo do plural de *gatas* nas duas frases seguintes:

- (13) As gatas enroscaram-se [ɐʒ gatɐz ẽruʃkárẽw̃sɪ]I....  
 As gatas, a preta e a riscadinha [ɐʒ gátɐʃ]I [ɐ prétɐ i ɐ riʃkədínɐ]I.....

Pela mesma razão, a fricativa colocada na fronteira de um sintagma entoacional não assimila a sonoridade da consoante seguinte.

Nem sempre os limites dos sintagmas entoacionais correspondem a uma pausa. Por vezes a divisão entre sintagmas entoacionais obedece a condições fonológicas que, segundo Frota, “estabelecem que constituintes longos tendem a ser divididos, que o constituinte mais longo é preferencialmente o mais à direita na sequência e que constituintes de tamanho simétrico são favorecidos”<sup>7</sup>.

Essa divisão também pode decorrer da velocidade de fala, sendo *sintagmas entoacionais mais longos* correspondentes a uma fala mais rápida e *sintagmas entoacionais menores* correspondentes a uma fala mais pausada. Vejam-se as duas frases seguintes: a primeira corresponde à fala coloquial e a segunda corresponde a uma fala pausada.

- 14) [O tapete encarnado do meu escritório precisa de ser aspirado com cuidado]I  
 [O tapete encarnado do meu escritório]I [precisa de ser aspirado com cuidado]I

O facto de se identificarem dois sintagmas entoacionais como se observa na segunda frase, leva por vezes à introdução, na escrita, de uma vírgula entre o sujeito e o predicado, o que é considerado um erro de pontuação. Essa vírgula corresponde à percepção da existência de um **limite** (ou uma **fronteira**) de sintagma entoacional que divide, do ponto de vista prosódico, os dois sintagmas.

No que respeita à curva de **entoação** que identifica um sintagma entoacional, ela é constituída por uma sucessão de acentos tonais e de tons de fronteira. Os **acentos tonais** marcam os pontos proeminentes dos sintagmas. Esses pontos podem manifestar-se por **tons altos** ou **baixos**, produzindo um contorno específico das alturas do som. O **tom de**

<sup>7</sup> Cf. Frota em Frota & Vigário (2003), p. 1071.

**fronteira** associa-se ao limite de cada uma das margens (direita e esquerda) do sintagma entoacional e concorre para a sua identificação.

Vejam-se os exemplos em seguintes a que se sobrepôs uma linha que representa o **contorno da entoação**. Seguindo os trabalhos recentes para o português, o tom alto indica-se com [H] e o baixo com [L]; o tom de fronteira está assinalado junto do limite do sintagma entoacional e indica-se com o tom que o termina seguido de [i].

(15)

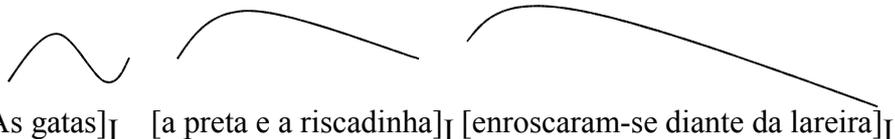


[As gatas enroscaram-se diante da lareira]<sub>I</sub>

H

H+L Li

(16)



[As gatas]<sub>I</sub> [a preta e a riscadinha]<sub>I</sub> [enroscaram-se diante da lareira]<sub>I</sub>

L+H Hi

H

H+L Li

H

H+L Li

A distribuição dos tons relaciona-se com a distribuição das proeminências de intensidade permitindo a identificação de um **acento nuclear** – na primeira frase, o tom alto (H) mais à direita marca um acento nuclear; na segunda frase o tom alto seguido de baixo (H+L), ou seja, o tom descendente final do último sintagma é igualmente um acento nuclear.

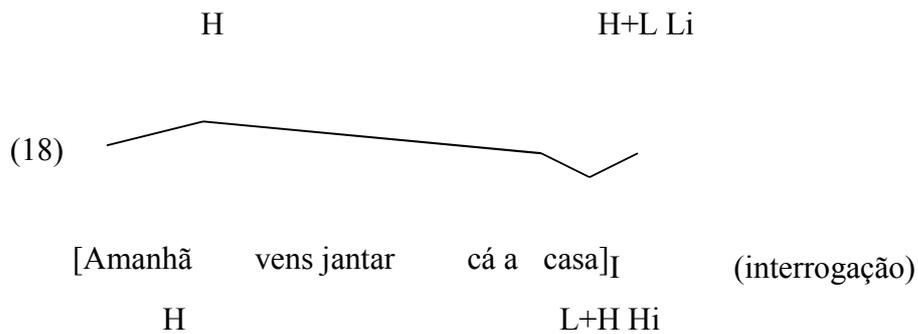
A sucessão de tons (ou seja, a entoação) pode permitir, também, interpretar o significado de uma frase que possui um foco prosódico, distinguindo-a de uma frase neutra. Por outro lado, e no que respeita à frase globalmente considerada, a diferença entre os tons de fronteira é, por vezes, a única possibilidade de distinção entre uma afirmação e uma interrogação. do significado. Veja-se a diferença entre a frase afirmativa e a interrogativa.

(17)

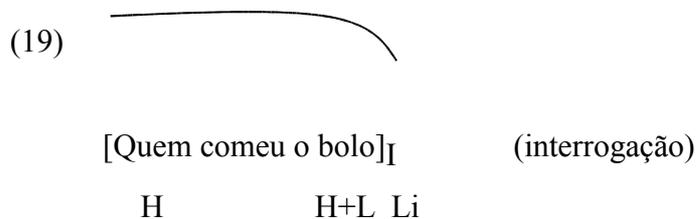


[Amanhã vens jantar cá a casa]<sub>I</sub>

(afirmação)



Quando a interrogação é marcada lexical ou gramaticalmente (com *quem*, *o que*, *o qual*), a variação de altura faz-se em sentido descendente, próximo da afirmação. Veja-se um exemplo em (16).



Como vimos, o sintagma entoacional é um constituinte prosódico caracterizado e delimitado pela sequência de acentos e de tons. Em consequência desta característica, o sintagma entoacional situa-se na interface entre a fonologia e outros domínios da língua como a sintaxe e a semântica.

O estudo dos aspectos prosódicos apresenta dificuldades específicas dada a sua variabilidade e a sua dependência do registo de fala e, sobretudo, da velocidade da fala. É evidente, todavia, que os constituintes prosódicos e os factos prosódicos caracterizam uma língua tal como sucede com os aspectos segmentais e, frequentemente, são os que primeiro se apreendem na aquisição da linguagem e no contacto com uma língua desconhecida.

A prosódia organiza o *continuum* sonoro de uma língua em unidades mais vastas que os segmentos, unidades que constituem padrões característicos das línguas. Vimos que a sílaba, a palavra prosódica e o sintagma entoacional têm, no português, aspectos específicos que os identificam como unidades prosódicas com função de segmentação

da fala. Também a distribuição dos acentos principal e secundário, e a ocorrência dos acentos nucleares são factores de organização da fala. Deve ainda lembrar-se que a duração, que não tem em português uma função distintiva, contribui, todavia, para a organização das unidades prosódicas.

Além dos traços e constituintes prosódicos descritos, a velocidade da fala é importante quando se analisa, por exemplo, a alternância de sílabas acentuadas e não-acentuadas e a consequente duração dos segmentos que constituem as sílabas. Essa alternância é um dos aspectos mais evidentes do que denominamos o **ritmo** da fala e leva a atribuir às línguas dois tipos de ritmo: o *acentual* que decorre de uma tendência para as sílabas acentuadas ocorrerem em intervalos de tempo aproximadamente iguais, sendo variável o número de sílabas não-acentuadas que existe entre duas tónicas, e o ritmo *silábico* que tem por base a unidade ‘sílaba’, a qual se repete de forma isócrona, ou seja, com os mesmos intervalos de tempo. O português europeu e o português brasileiro têm sido diferenciados, por vezes, em função do tipo de ritmo que se considera caracterizar estas duas variedades.

Todavia, as línguas não apresentam formas perfeitas destes dois tipos de ritmo por duas razões fundamentais: as repetições de pontos de proeminência e o número de sílabas que ocorre entre dois pontos acentuados estão intimamente relacionados com a velocidade da fala; além disso, os factores ligados à entoação e à variação de altura dos sons concorrem, igualmente, para a estrutura rítmica de uma língua.

Assim, a identificação de características rítmicas, entoacionais e acentuais de uma língua exige uma investigação experimental de múltiplos dados, investigação em que se integre a análise da fala espontânea e em que se considere a interligação de todos os factos prosódicos a que se fez referência. Por tal razão, a pesquisa sobre a prosódia do português se apresenta, ainda, como um domínio cheio de interrogações e de mistérios.

### **Referências Bibliográficas**

- ABAURRE, Maria Bernadete, 1981. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. In *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n.º 2, 23-44.
- ANDRADE, Ernesto d', 1996. Na onda do acento. In Duarte & Leiria (orgs.), 1: 157-174.
- ANDRADE, Ernesto d' & Bernard LAKS, 1991. Na crista da onda: o acento de palavra em português. *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: 15-26.

- ANDRADE, E. & Maria do Céu VIANA, 1988. Ainda sobre o acento e o ritmo em Português. *Actas do 4º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: 3-15.
- ANDRADE, João Nunes de 1841. *Grammatica elementar da lingua portugueza por systema philosophico*. Lisboa: A.S.Coelho,.
- AZEVEDO, Domingos de, 1880. *Grammatica Nacional ou Methodo Moderno para se aprender em 24 lições a fallar e a escrever sem erros e mesmo sem auxilio de mestre a lingua portugueza*. Lisboa: Liv. Antonio Maria Pereira,
- BARBOSA, Jerónimo Soares, 1821. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. (5ª edição. Lisboa: Typographia da Real Academia das Ciências. 1871.)
- BARBOSA, Jorge Morais, 1965. *Études de phonologie portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar (2.ª ed., Évora, 1983.) .
- BARROS, João de, 1540. *Grammatica da lingua portugueza com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa: Luís Rodrigues. Reprodução fac-similada e introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- BECHARA, Evanildo, 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna. 37ª edição, revista e aumentada.
- BISOL, Leda (org.), 1996. *Introdução a estudos de fonologia do português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS (2ª ed. revista, 1999).
- BISOL, Leda, 1994. Ditongos derivados. *DELTA* (S. Paulo), Vol. 10, nº 2, 123-140.
- CALLOU, Dinah & Yonne LEITE (1990). *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- COELHO DE CARVALHO Joaquim José, 1910. *Prosodia e ortografia* Lisboa: Imprensa Nacional.
- CRYSTAL, David, 1994. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*, Cambridge, Mass.: Blackwell, (3ª edição).
- CUNHA, Celso & Luís Lindley CINTRA, 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa. (8ª edição, Lisboa: João Sá da Costa, 1991.)
- DAVID, Abílio & Fernando MENDES, 1891. *Curso de Grammatica Portugueza*. Lisboa: J.J.Nunes & C.ª,
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel, 2002. *Fonética do Português. Trinta anos de investigação*. Lisboa: Caminho, serie Linguística.
- DUARTE, Inês & Isabel LEIRIA, (orgs.), 1996. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, 1994, Lisboa: Colibri.
- FALÉ, Isabel, 1995. *Fragmentos da prosódia do português europeu: as estruturas coordenadas*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FEIJÓ, João de Morais Madureira, 1734. *Orthographia ou Arte de Escrever e pronunciar com acerto a Lingua Portugueza para uso do Excellentissimo Duque de Lafoens*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica
- FARIA, Isabel Hub, Carlos GOUVEIA, Emília PEDRO & Inês DUARTE (orgs.), 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho (capítulo 4.).
- FROTA, Sónia, 1999. Questões de associação e alinhamento tonal: implicações para uma teoria da entoação. In *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Rui V. Castro e Pilar Barbosa (orgs), Coimbra: APL, Vol.1: 513-532.
- FROTA, Sónia, 2000. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. Nova Iorque: Garland Publishing.

- FROTA, Sónia, 2001. Núcleos e Fronteiras: uma análise fonológica da interrogativa no Português Europeu. In *Razão e Emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus pela sua jubilação*. Vol. I: 327-346.
- FROTA, Sónia & Marina VIGÁRIO (2003). Constituintes prosódicos. In Mateus et al.(2003): Capítulo 26.3.
- FROTA, Sónia e VIGÁRIO, Marina, 2001. On the correlates of rhythmic distinctions: The European / Brazilian Portuguese case. *Probus* 13-2: 247-275.
- LOBATO, Antonio José dos Reis, 1771. *Arte da Grammatica da lingua portugueza. Composta e offerecida ao Ill.mo e Exc.mo senhor Sebastião José de Carvalho e Mello*. Lisboa: Typographia Rollandiana.
- MATA, Ana Isabel, 1992. A questão da entoação na interrogação em português. Isso é uma pergunta?. In Pereira, Mata e Freitas, 33-74.
- MATA da SILVA, Ana Isabel, 1999. *Para o estudo da entoação em fala espontânea e preparada no português europeu. Metodologia, resultados e implicações didáticas*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, (1983). O acento de palavra em Português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*, XXVIII (Lisboa): 211-229.
- MATEUS, Maria Helena Mira e ANDRADE, Ernesto d' (1998). The syllable structure in European Portuguese. *D.E.L.T.A* (S. Paulo): Vol. 14, nº1, 13-32.
- MATEUS, Maria Helena Mira / Ernesto d' ANDRADE (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel FARIA, Sónia FROTA, Fátima OLIVEIRA, Gabriela MATOS, Marina VIGÁRIO e Alina VILLALVA, 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho. (Capítulo 26)
- MATEUS, Maria Helena Mira, Isabel FALÉ & Maria João FREITAS, (no prelo). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MELDOLA Abraham, 1735. *Nova Grammatica portugueza, dividida em seis partes, a saber: 1ª Orthographia. 2ª Etymologia. 3ª Syntaxe. 4ª Prosodia. 5ª Lavores da lingua. 6ª Miscellanea*. Hamburgo: M.C. Bock,
- NESPOR, Marina & Irene VOGEL, 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- OLIVEIRA, Fernão de, 1536 *Grammatica da Lingoagem Portugueza*. Lisboa: e[m] casa de Germão Galharde. (Última edição: *Gramática da Linguagem Portuguesa. Edição crítica, semidiplomática e anastática* por Amadeu TORRES e Carlos ASSUNÇÃO, com um estudo introdutório do Prof. Eugenio COSERIU. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.)
- PEREIRA, Isabel, 1999. *O acento de palavra em Português – uma análise métrica*. Tese de doutoramento Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, Isabel, Ana Isabel MATA & Maria João FREITAS, 1992. *Estudos em Prosódia*. Lisboa: Edições Colibri, col. Estudos Linguísticos
- RAMOS, João de Deus, 1909. *Prosódia portuguesa - Estudo prévio da ortografia*. Lisboa.
- VIGÁRIO, Marina, 1998. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu - Estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos.
- VIGÁRIO, Marina, 2000. Palavra prosódica e composição no Português Europeu. In R. V. Castro and P. Barbosa (orgs.) *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. 2. Coimbra: APL, 583-602.

- VIGÁRIO, Marina, 2001. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- VIGÁRIO, Marina & Isabel FALÉ, 1993. A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do 9º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra.
- XAVIER, Maria Francisca & Maria Helena MATEUS (orgs.), 1990-1992. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol I, 1990 e Vol II, 1992. APL e ILTEC (Lisboa: Edições Cosmos).